

CARACTERÍSTICAS DA PEÇA DIDÁTICA DE BRECHT

Como ponto de partida, poderíamos estabelecer quatro características da peça didática como processo de educação:

- A fidelidade ao “modelo de ação” (texto) não significa a realização do texto em função dele mesmo ou de sua objetividade histórico-literária. O texto é trazido para a prática, a partir do qual os jogadores vivenciam e investigam as contradições que apresentam com o próprio corpo;
- O “modelo de ação” deve ser concretizado com material trazido pelos jogadores, oriundo de seu cotidiano. De acordo com Brecht, “[...] a forma da peça didática é árida para que partes de invenção própria e de tipo atual possam ser mais facilmente introduzidas”;
- Os textos das peças didáticas de Brecht permitem uma multiplicidade de interpretações, sendo possível criar, a partir deles, novos “modelos de ação”;
- O jogo teatral passa a ser constitutivo de uma ação transformadora e política, embora a prática com o texto da peça didática não seja imediatamente política – ela visa antes à experiência estética (Koudela, 1992, p.14-15).

Fontes:

KOUDELA, Ingrid Dormien. (org.) *Um vôo brechtiano*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
Apud CONCÍLIO, Vicente. *Baden Baden. Um modelo de ação e encenação em processo com a Peça Didática de Bertolt Brecht*. 2013. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

INDIVÍDUO x SOCIEDADE: PRIMEIRO E SEGUNDO INQUÉRITOS

Consolida-se, no texto de *A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo*, o conflito entre o indivíduo e a sociedade, tema este que será explorado em todas as peças didáticas que Brecht escreverá dali em diante. Tal universo vai constituir o cerne do projeto pedagógico de tais peças, pois elas vão explorar justamente a fricção entre o individualismo e o espírito democrático da vida em comunidade.

Neste texto, um coro composto por quatro aviadores acidentados pede ajuda ao coro composto por habitantes de uma cidade. Tal apelo é feito com o mesmo trecho com que *O voo sobre o oceano* é concluído¹⁸, o que prontamente já estabelece um vínculo de encadeamento entre as duas obras.

O coro dos cidadãos (denominado pelo autor como Coro de Controle), por sua vez, ao invés de atender prontamente à solicitação, decide interrogar a multidão (um terceiro coro, composto pelos espectadores ou ouvintes da obra) e questionar: “O homem ajuda o homem?”.

Diante de tal pergunta, são estabelecidos os “Inquéritos para saber se o homem ajuda o homem”. No primeiro deles, o coro retruca com a frase “Nem por isso o pão ficou mais barato!”, manifestando sua indignação diante do desenvolvimento da espécie humana, a cada estrofe em que o líder do coro professa. Ou seja, embora tenha se reunido em cidades, embora tenha criado a máquina a vapor e se desenvolvido tecnologicamente e cientificamente e embora tenha explorado a natureza e descoberto novos continentes, ainda assim o homem não foi capaz de tornar o alimento acessível a todos de sua espécie.

No segundo inquérito, Brecht propõe a exibição de 20 fotografias que deveriam mostrar como, em nossos tempos, os homens são massacrados pelo homem. Ao final, a multidão afirmaria que o homem não ajuda o homem.

18 Trata-se do “Relatório sobre o que ainda não foi alcançado”: “No tempo em que a humanidade/Começava a se conhecer,/Nós construímos aviões,/Com madeira, ferro e vidro,/E atravessamos os voando;/Por sinal, com o dobro da velocidade do furacão./Nossos motores eram/Mais fortes que cem cavalos, mas/Menores do que apenas um./Durante mil anos tudo caiu de cima para baixo,/Com exceção dos pássaros./Nem mesmo nas mais antigas pedras/Encontramos qualquer sinal/De que algum homem/Tenha atravessado os ares voando./Mas nós nos erguemos./Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era/Ergueu-se nossa Ingenuidade de aço,/Mostrando o que é possível/Sem nos deixar esquecer:/O que ainda não foi alcançado. (Versão elaborada por Luísa Bresolin, Marina Sell e Vanessa Cíviero para encenação de *BadenBaden*).

TERCEIRO E ÚLTIMO INQUÉRITO

No terceiro e último, um número de palhaços é apresentado, e embora seja apresentado como um número no qual "homens ajudam um homem", o que se vê é o oposto disso: dois palhaços, aproveitando-se da ingenuidade de seu patrão, acabam por mutilá-lo, sempre com a desculpa de que estão fazendo o melhor para ele. A conclusão dos inquéritos é, portanto, de que o homem não ajuda o homem.

A multidão decide então que o homem não ajuda o homem. Portanto o travesseiro e a água, ambos solicitados pelos aviadores acidentados, são jogados fora. A justificativa para tal ato vem na fala da multidão, em um texto que compõe a parte principal da cena "A Recusa da ajuda":

Com certeza vocês já viram
Ajuda em alguns lugares
Sob diferentes formas. Gerada por um estado de coisas
Que ainda não conseguimos dispensar:
A Violência.
Ainda assim, nós os aconselhamos a enfrentar
A cruel realidade
Com uma crueldade ainda maior. E,
Abandonando a condição que gera a necessidade,
Abandonem a necessidade. Portanto
Não contem com ajuda:
Ao se recusar a ajuda a violência é necessária.
Ao se obter a ajuda a violência também é necessária
Enquanto a violência reina, a ajuda poderá ser recusada.
Quando a violência não reinar mais, a ajuda não será mais necessária.
Por isso, em vez de pedir ajuda, é preciso abolir a violência.
Ajuda e violência constituem um todo,
E o todo precisa ser transformado¹⁹

O que temos nesse fragmento é um argumento complicado, nada fácil de acompanhar. Ele parte da ideia de que a **ajuda**, algo que todos conhecemos, tem sua origem na **violência**. Brecht não define o que ele entende por violência de maneira explícita nesse momento; mas é essa violência que gera a necessidade da ajuda.

Ou seja, a ajuda e violência estão ligadas de forma cíclica, e a única maneira de encerrarmos esse processo é abandonando a necessidade da ajuda. Se a ajuda não mais existir, não haverá mais violência. Portanto ambas constituem um todo que precisa ser transformado.

Podemos considerar possível uma interpretação simples: o que Brecht chama de violência é o próprio sistema capitalista em que estamos inseridos. A violência gera a necessidade de ajuda, ou seja, isso é alimentado pelo próprio sistema ao qual se solicita socorro. A única maneira de acabar com essa situação é mudar todo o sistema.

SOBRE A AJUDA E A VIOLÊNCIA

O que temos nesse fragmento é um argumento complicado, nada fácil de acompanhar. Ele parte da ideia de que a **ajuda**, algo que todos conhecemos, tem sua origem na **violência**. Brecht não define o que ele entende por violência de maneira explícita nesse momento; mas é essa violência que gera a necessidade da ajuda.

Ou seja, a ajuda e violência estão ligadas de forma cíclica, e a única maneira de encerrarmos esse processo é abandonando a necessidade da ajuda. Se a ajuda não mais existir, não haverá mais violência. Portanto ambas constituem um todo que precisa ser transformado.

Podemos considerar possível uma interpretação simples: o que Brecht chama de violência é o próprio sistema capitalista em que estamos inseridos. A violência gera a necessidade de ajuda, ou seja, isso é alimentado pelo próprio sistema ao qual se solicita socorro. A única maneira de acabar com essa situação é mudar todo o sistema.

Ante tais palavras, o coro dos acidentados toma consciência da iminência de sua morte. Segue então a cena da "Contemplação dos Mortos". Nesta cena, Brecht solicita que sejam projetadas dez fotografias de mortos. Em seguida, essas mesmas imagens são rerepresentadas. Diante delas, os acidentados fazem um apelo desesperado a favor de sua própria vida.

Inicia-se então a leitura, por um narrador, de uma parábola que versa sobre morte, perda e abandono. Tal trecho é concluído da seguinte maneira:

2. Quando o Pensador se viu numa violenta tempestade, estava sentado num grande veículo e ocupava muito espaço. A primeira coisa que fez foi sair do veículo, a segunda foi tirar seu casaco, a terceira foi deitar-se no chão. Assim ele venceu a tempestade, reduzido à sua menor grandeza.

(...).

3. Para ajudar um homem a aceitar a morte, o Pensador interveniente pediu-lhe que se despojasse de todos os seus bens. Depois de ter abandonado tudo, ao homem só restava a vida. Abandona mais uma coisa, disse-lhe o Pensador.

4. Se o Pensador venceu a tempestade, venceu-a porque conhecia a tempestade e estava de acordo com a tempestade. Portanto, se quiserem superar a morte, é preciso conhecer a morte e estar de acordo com a morte. Mas aquele que procura o acordo deverá preferir a pobreza. Não deve estar preso às coisas! As coisas podem ser tiradas e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso à vida! A vida pode ser tirada e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso aos pensamentos, porque também os pensamentos poderão ser tirados e aí também não haverá acordo.

O ACORDO

Aparece então, neste momento, o tema principal da peça: a questão do acordo (*Einverständnis*). Este é o assunto que permeia todas as peças didáticas seguintes, evidenciando que Brecht elege tal questão como um dos fundamentos para o estudo das relações dos homens entre si, das relações entre o indivíduo e a coletividade, e também das relações entre os indivíduos e o Estado.

Em *A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo*, para atingir o “ato de entrar em acordo”, o coro submete os quatro aviadores acidentados a um exame. Nesse exame, na medida em que surge a consciência daquilo a que se pode renunciar, o coro se divide em duas partes: três homens, que passam a ser denominados como “mecânicos”, expressam seu desejo de “estar de acordo”.

Apenas um dos membros do coro, que passa a ser chamado de “aviador acidentado”, expressa a renúncia ao acordo. Ele considera que não foi suficientemente enaltecido, que voou a uma altura extraordinária e, enfim, que jamais morrerá. Se não pode renunciar a nada, então ele acaba expulso pelo coro de cidadãos “acordados”, que na cena final exaltam a possibilidade de transformar o mundo incessantemente, aperfeiçoando-o sempre.

Trata-se de uma conclusão paradoxal: para seguirmos em comunidade, devemos abandonar a nós mesmos. Porém um dissidente, que não abandona a si mesmo, é expulso. Estamos então diante de uma das questões essenciais ao pensamento e prática democráticas: como tolerar o intolerante?

Surge assim uma das estratégias de estranhamento elaboradas por Brecht: a exposição de comportamentos associais, de antiexemplos, que por gerarem estranheza e fugirem da lógica de comportamento tradicional, provocam discussões e consequente aprendizado.

Fonte:

CONCÍLIO, Vicente. *Baden Baden. Um modelo de ação e encenação em processo com a Peça Didática de Bertolt Brecht*. 2013. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes . Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.